

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa
Luciane Bresciani Lopes

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa

Luciane Bresciani Lopes

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

| São Paulo | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A654

Aprender, debater e praticar: temáticas para a disciplina de Língua Brasileira de Sinais no Ensino Superior / Organização Emiliana Faria Rosa, Luciane Bresciani Lopes. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-936-9

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.99369

1. Ensino de Língua de Sinais. 2. Educação de Surdos. 3. Interculturalidade. 4. Comunidade Surda. 5. Linguística da Língua de Sinais. I. Rosa, Emiliana Faria. II. Lopes, Luciane Bresciani. III. Título.

CDD: 419.007

Índice para catálogo sistemático:

I. Linguística - Língua de Sinais

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Irina_Timofeeva - Freepik.com
Tipografias	Acumin
Revisão	Edson Leonel de Oliveira
Organizadoras	Emiliana Faria Rosa Luciane Bresciani Lopes

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



3

Vinicius Martins Flores

DESBRAVANDO OS SINAIS ESCRITOS:

SIGNWRITING
E OS PROFESSORES OUVINTES

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa unir conhecimentos da psicolinguística e da linguística aplicada, utilizando medidas de histórico de linguagem e de autoavaliação de proficiência, a fim de estabelecer um diálogo entre a área da linguística e da educação. Nessa ideia de interdisciplinaridade, propõe-se discutir a importância da escrita de sinais, mais especificamente do sistema *SignWriting*. O estudo ocorreu em dez escolas de surdos, com foco nos professores ouvintes bilíngues bimodais, que são a maioria no exercício da docência na educação básica de surdos. O método utilizado é uma pesquisa empírica – investigação aplicada (Hill; Hill, 2012), que revela fatos novos, possibilitando resultados aplicáveis a médio prazo na população investigada.

Para proceder com a pesquisa, todos os detalhes deste estudo foram submetidos primeiramente à Comissão de Pesquisa em Letras da UFRGS (COMPESQ/Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), que manifestou um parecer favorável. Em seguida, encaminhou-se a documentação ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS), através da Plataforma Brasil, que emitiu um parecer substanciado como certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE) de número 42065815.5.0000.5347.

Neste estudo, um total de 79 professores participaram da pesquisa ao preencher o Questionário de Histórico de Linguagem e Autoavaliação de Proficiência (QueHLAP). Todos os participantes atuavam na Educação Básica de ensino. Contudo, 14 participantes foram excluídos da análise de dados devido ao não cumprimento dos critérios estabelecidos. A amostra final, portanto, consistiu de 65 professores que se aderiam aos critérios de seleção da pesquisa, delineados a seguir.

Os critérios de participação na pesquisa incluíram: (a) ser um professor ouvinte; (b) trabalhar em escolas para surdos que adotam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de instrução principal, onde as aulas são ministradas sem a presença ou necessidade de Tradutores/Intérpretes de Libras (TILS); e (c) completar pelo menos 90% do Questionário QueHLAP. Os 14 professores excluídos da amostra não satisfizeram um ou mais desses critérios. Desses excluídos, dois questionários foram preenchidos por professores surdos, outros dois questionários foram de professores que contavam com intérpretes em sala de aula, cinco professores preencheram apenas 40% do questionário, três professores estavam envolvidos apenas em projetos de turno inverso na escola e não forneceram informações além dos dados de identificação e de formação acadêmica, enquanto dois professores estavam há três meses nas escolas e não apresentaram nenhuma informação além dos dados de identificação.

Portanto, o estudo contou com a participação de 65 docentes ouvintes bilíngues Libras/Português Brasileiro, provenientes de escolas da rede particular, estadual e municipal. A amostra final foi composta por professores bilíngues com idades variando entre 21 e 61 anos (Média = 43,08; Desvio Padrão = 9,06), sendo predominantemente do sexo feminino, abarcando 90% do total.

O objetivo da presente pesquisa foi esboçar a correlação entre o uso da escrita de sinais e a autoavaliação de proficiência dos professores. Justifica-se o verbo de pesquisa, esboçar, pois o número de professores ouvintes que utilizam a escrita de sinais é baixo para que possamos ter um quadro mais significativo de dados.

BILINGUISTO E A ESCRITA DE SINAIS

Inicia-se com a apresentação da “Lei de Libras”, Lei Federal nº 10.436/02, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências, em seu parágrafo único, que apresenta que:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Na mesma Lei Federal nº 10.436/02, que reconhece a Libras como língua da comunidade surda, reconhece-se que ela possui um sistema linguístico natural com uma estrutura gramatical independente, além de se estabelecer também a forma de bilinguismo que a comunidade surda deve adotar. Esse bilinguismo deve constituir-se em duas modalidades, sendo uma sinalizada e outra escrita da língua portuguesa, conforme informa o parágrafo único: a “Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa” (Brasil, 2002). Por razões de escopo, não é possível aprofundar a discussão, mas registra-se aqui uma reflexão sobre a limitação que a legislação impõe aos usuários da Libras, ao exigir que seu bilinguismo seja expresso na escrita da língua portuguesa, em vez de permitir o uso de um sistema de escrita de sinais para registrar a língua de sua comunidade.

Com base nas definições de bilinguismo, de acordo com Hamers e Blanc (2000), que estabelecem a idade como um parâmetro, podemos refletir sobre a questão levantada pelos estudos de Bialystok (2001), que afirma que a definição de se alguém é bilíngue ou não depende da forma como se define a proficiência linguística e de quão proficiente a pessoa é nas línguas que domina. Segundo Bialystok (2001), ser um sujeito bilíngue implica ter a capacidade e

habilidade de usar cada uma das línguas adquiridas de acordo com os contextos e necessidades. Portanto, o bilinguismo é um contínuo que abrange desde a falta de consciência da existência de outras línguas até a fluência completa em duas línguas.

A questão mais polêmica gira em torno da fluência completa em duas línguas. Cook (2002) defende que ser bilíngue implica possuir um sistema linguístico de maior complexidade, uma vez que, ao usar as línguas para diferentes finalidades, um sujeito pode apresentar maior habilidade na comunicação oral-auditiva em uma língua, mas ter um registro escrito mais desenvolvido em outra língua. Baker (2006) sugere cautela em relação ao extremismo nas definições de bilinguismo, argumentando que a classificação do tipo de bilinguismo se torna complexa quando entram em jogo questões como a preferência de uso de uma língua por parte do bilíngue, em que a escolha das situações em que se utilizará uma determinada língua desempenha um papel importante.

Em suma, a discussão sobre bilinguismo, levando em consideração as diferentes perspectivas e definições de especialistas, torna-se essencial para compreendermos a complexidade desse fenômeno. No contexto da comunidade surda e do reconhecimento da Libras como língua, a imposição de um bilinguismo estritamente vinculado à escrita da língua portuguesa pode suscitar questionamentos sobre a adequação das políticas linguísticas. Portanto, é fundamental que as políticas linguísticas e a legislação se adaptem a essa complexidade, promovendo a autonomia dos usuários da Libras em sua jornada rumo ao bilinguismo.

SISTEMAS DE ESCRITA DE SINAIS

Com relação à escrita de sinais, vale mencionar que há atualmente no Brasil três sistemas de registro da Libras em maior destaque: o *SignWriting*, o ELiS e o SEL. O *SignWriting* foi a primeira forma de registro de escrita a ser difundida no Brasil. Foi introduzido no ano de 2000, pela pesquisadora professora Dra. Marianne Stumpf, com a tradução do manual *Lessons of SignWriting* (1995), do Inglês/American Sign Language (ASL), que adaptou o registro para Português/Língua Brasileira de Sinais. O *SignWriting* americano foi idealizado pela coreógrafa norte-americana Valerie Sutton, em 1974, na Universidade de Copenhague, Dinamarca (Stumpf, 2005).

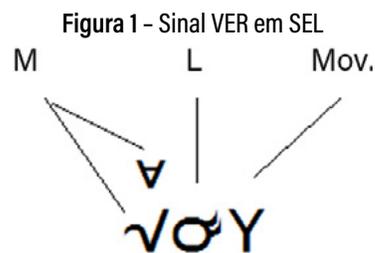
O sistema de escrita ELiS ou Escrita de Língua de Sinais foi um sistema brasileiro de escrita de sinais idealizado pela Prof.^a Dra. Mariângela Estelita de Barros (UFG), em 1997, e aperfeiçoado em 2008 (Barros, 2008; Benassi, 2015). O Sistema de Escrita de Língua de Sinais (SEL) foi idealizado pela professora Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (UESB) em 2009 e aperfeiçoado nos anos 2012, 2014, 2016 e, em 2017 (Lessa-de-Oliveira, 2017), sendo praticamente inexistente sua circulação no meio acadêmico (Costa, 2017). A ELiS é uma escrita alfabética e linear, a SEL propõe também uma escrita linear. O *Signwriting* é um sistema complexo e adaptável às gramáticas das línguas de sinais, com base em visograma⁴, e exprime os gestos elementares da linguagem visuoespacial (Silva, 2009, p. 30).

Possivelmente outros sistemas possam estar em desenvolvimento, mas o que apresenta o estudo de Costa (2017) é que, na região sul do Brasil, predomina o uso do sistema *SignWriting*. O autor ainda explicita que a adoção do sistema *SignWriting* ocorre

4 Visograma é o conjunto de símbolos que representam o recorte do continuum visual das línguas de sinais, ou seja, o alfabeto das línguas de sinais (Barros, 2008, p. 15).

na maioria dos cursos de graduação em Letras-Libras Licenciatura e Bacharelado como forma de registro nas disciplinas de Escrita de Sinais (Costa, 2017). Há exceções, como a Universidade Federal de Goiás (UFG), da Grande Dourados (UFGD) e de Mato Grosso (UFMT), que adotaram o sistema ELiS. Já há registro de outro sistema estar sendo utilizado na disciplina de Escrita de Sinais do curso de Letras Libras – Licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), nomeada de VisoGrafia. Ainda não foi identificado nenhum registro de adoção do sistema SEL na disciplina Escrita de Sinais em nenhuma universidade brasileira (Costa, 2017).

Cada sistema de escrita propõe formas específicas de registro. A Figura 1 exemplifica o registro do sinal VER no sistema SEL, que apresenta caracteres (letras) que se subdividem em três macrossegmentos: Mão (M), Locação (L) e Movimento (Mov).



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2017).

Na Figura 2, por sua vez, demonstra-se uma palavra usando o ELiS, conforme Barros (2016). Escrevem-se primeiro os visografe-mas de Configuração de Dedos (CD), seguidos do de Orientação da Palma (OP), de Ponto de Articulação (PA) e, por fim, de Movimento (M); alguns sinais que não apresentam movimento dispensam a escrita do último grupo.

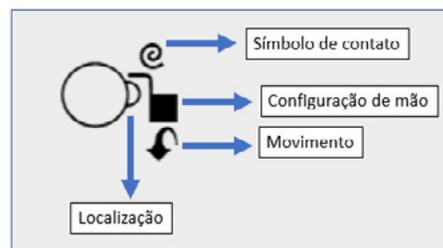
Figura 2 – Sinal BONITO em ELiS



Fonte: Barros (2016, p. 207).

Na Figura 3, o sistema *SignWriting* é representado. Para compor sua escrita, há 900 símbolos, desde aqueles que representam configuração de mão (CM), movimento (M), tipos de contatos, pontos de contato (localização - L), orientação da palma da mão, expressões não manuais, entre outros símbolos que deixam legível a leitura do sinal. Para ilustrar, a Figura 3 demonstra as partes do registro escrito do sinal APARELHO AUDITIVO. Como se observa, é possível representar a configuração de mão, o movimento e a locação do sinal e, quando necessário, pode-se acrescentar o registro das expressões não manuais.

Figura 3 – Sinal de APARELHO AUDITIVO em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como se pode observar, o sistema de escrita – *SignWriting* – não é uma transcrição da língua, mas sim uma modalidade de registro escrito dos sinais da Libras. Conforme Nobre (2011), a escrita representa as línguas, sejam elas orais ou sinalizadas, de uma forma sistematizada. Stumpf (2002) defende que a língua de

sinais, por ser tridimensional, necessita de uma representação gráfica que permita apresentar a marcação espacial entre as relações sintático-semântico.

Destaca-se que a Libras não é a língua dos surdos, mas uma língua da comunidade surda (Lane, 1992; Sacks, 2010), constituída por pessoas surdas, por ouvintes, sejam eles pais, mães, filhos, TILS, professores, bilíngues. Dito isso, considera-se também que hoje o ensino de Libras, por ordem de Decreto Federal nº 5.626/05, é mais abrangente como segunda língua do que como primeira língua, já que o Decreto (Brasil, 2005) estabelece que os cursos de Licenciatura ofereçam em sua formação uma disciplina obrigatória de Libras.

A educação bilíngue para surdos representa um ambiente educacional que transcende a mera utilização de duas línguas; é, como destacado por Quadros (1997), um espaço verdadeiramente bicultural. Nesse contexto, a língua não deve ser encarada simplesmente como um meio de comunicação, mas como um elemento central na construção do conhecimento e na expressão da identidade dos surdos, conforme argumentado por Strobel e Fernandes (1998). A educação bilíngue, assim, abraça a complexidade da experiência surda, reconhecendo que a língua desempenha um papel fundamental não apenas na comunicação, mas também na formação cultural e identitária dos indivíduos surdos. Portanto, é essencial que as práticas educacionais considerem essa dimensão bicultural, proporcionando um ambiente que promova o pleno desenvolvimento linguístico e cultural dos alunos surdos.

A PESQUISA E OS DADOS

O QueHLAP (Flores; Finger, 2014) foi projetado para ser utilizado por um público-alvo específico, que são os professores ouvintes que utilizam a Língua de Sinais Brasileira (Libras) e o Português

Brasileiro. Esse instrumento leva em consideração os contextos familiares, profissionais e sociais dos participantes da pesquisa, explorando questões que avaliam desde a idade inicial de exposição à Libras, a frequência de uso, o domínio da língua, bem como aspectos culturais e linguísticos. De acordo com Machado (2010), o conceito de proficiência pode abranger tanto uma avaliação global da língua como também as habilidades específicas de leitura, escrita, produção e compreensão. Nesse contexto, o QueHLAP busca abordar diversas áreas de maneira abrangente, mas com um foco particular na produção e compreensão da Libras, já que a escrita de sinais (leitura e escrita) ainda não é amplamente utilizada na maioria das escolas para surdos ou em escolas inclusivas.

A escrita de sinais é o registro impresso da língua de sinais e está inserida em alguns currículos escolares de educação bilíngue para surdos. Estudos demonstram que, quando a criança registra sua primeira língua na modalidade escrita, ela consegue se apropriar da escrita em outra língua com maior facilidade (Stumpf, 2002). Por esse motivo, é importante que os professores de um currículo bilíngue para surdos sejam capacitados a ensinar a modalidade escrita da Libras. Por isso, traçou-se o objetivo de avaliar a correlação entre o uso da escrita de sinais e a autoavaliação de proficiência dos professores da amostra. Em suas respostas no QueHLAP, 54% ($n = 35$) dos professores responderam que conhecem e fizeram curso de Escrita de Sinais. Ainda sobre o aprendizado e uso da escrita de sinais, o número de professores da amostra que utilizam a escrita em Libras em momentos diversos ou específicos é de 13% ($n = 7$). Outros 28% ($n = 15$) reportaram que sabem a escrita de sinais, mas não a usam por não ser prática da escola.

Tabela 1 – Escrita de Sinais

Professores Ouvintes Bilíngues apresentam que:	
Não sabe a Escrita de Sinais, nunca participou de curso e a escola não utiliza	46%
Fez curso de Escrita de Sinais, mas não utiliza, pois não é prática da escola	28%
Fez curso de Escrita de Sinais, mas não utiliza, pois somente na disciplina de Libras é utilizado	8%
Fez curso de Escrita de Sinais e utilizo nas aulas em diversos momentos	9%
Fez curso de Escrita de Sinais e utilizo nas aulas em momentos específicos	3%
Aprendi Escrita de Sinais na escola de surdos, mas não utilizo em minhas práticas	5%
Aprendi Escrita de Sinais na escola de surdos e utilizo em minhas aulas em diversos momentos	***
Aprendi Escrita de Sinais na escola de surdos e utilizo em minhas aulas em momentos específicos	1%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Os resultados das correlações de Pearson (Tabela 2) sugerem que somente a média de qualidade de uso da morfossintaxe é correlacionada estatisticamente com a escrita desinais. Essa correlação é positiva e de magnitude baixa, $r = .308$, $p = .026$, sugerindo que, quanto mais o professor utiliza a escrita de sinais, maior sua percepção de qualidade de uso da morfossintaxe. Vale ainda ressaltar que a correlação entre a média de compreensão autoavaliada e o uso da escrita aproximou significância, $r = .247$, $p = .055$, sugerindo que, quanto maior o uso da escrita de sinais, maior a compreensão em Libras. A escrita de sinais não apresentou correlação com a média de produção, bem como nas médias de qualidade de uso da fonologia, classificadores e uso do espaço.

A morfossintaxe da Libras é entendida aqui, conforme Pagy (2022), como uma área de estudo que se refere à estrutura linguística, abrangendo a ordem das palavras, a marcação de tempo e aspecto, a negação, a concordância, a estrutura de frases e a organização de cláusulas. No presente estudo, busca-se apenas demonstrar, por meio de dados estatísticos, o grau de percepção dos usuários

de Libras em relação à escrita de sinais e seu uso. Assim, torna-se evidente que há uma carência de estudos empíricos e experimentais para confirmar essa relação. Até o momento, existem indicações de que há uma conexão entre a escrita e o uso, e que a escrita pode, de fato, desempenhar um papel de apoio no aprendizado, criando uma consciência de uso que impacta na produção linguística de um indivíduo que utiliza a Libras.

Tabela 2 – Correlação da Escrita de Sinais com as médias de produção e compreensão, e qualidade de uso

Escrita de Sinais		
Média de Produção	Pearson Correlation	.104
Sig. (2-tailed)		.413
N		64
Média de Compreensão	Pearson Correlation	.247
Sig. (2-tailed)		.055
N		61
Média de Qualidade de Uso de Fonologia	Pearson Correlation	.179
Sig. (2-tailed)		.179
N		58
Média de Qualidade de Uso de Morfossintaxe	Pearson Correlation	.308*
Sig. (2-tailed)		.026
N		52
Média de Qualidade de Uso de Classificadores	Pearson Correlation	.207
Sig. (2-tailed)		.140
N		52

Escrita de Sinais		
Média de Qualidade de Uso do Espaço	Pearson Correlation	.075
Sig. (2-tailed)		.675
N		34

** A correlação é significativa no nível 0.01 (2-tailed).

* A correlação é significativa no nível 0.05 (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O número de professores que realmente usam a escrita com frequência é baixo, mas se percebe que a qualidade de uso da morfossintaxe obteve um diferencial em relação aos outros aspectos. Esse diferencial pode ser justificado em virtude de a escrita de sinais oportunizar a estruturação da frase de maneira próxima à sinalização, ou seja, quando a escrita é utilizada, reforça-se a prática da língua sinalizada. De maneira geral, no entanto, baseando-se nos resultados expostos acima, pode-se supor que a frequência do uso da escrita de sinais não está relacionada com a percepção da qualidade com que o professor utiliza a gramática da língua na modalidade oral. Ou seja, talvez o conhecimento e uso da língua escrita não se relacione com a habilidade de usar a Libras sinalizada. Em estudos futuros seria interessante avaliarmos a percepção da qualidade do uso da língua de sinais escrita em relação às habilidades sinalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, examinamos a legislação que rege o bilinguismo da comunidade surda, destacando as restrições impostas pela Lei Federal nº 10.436/02 quanto à modalidade escrita da Língua Portuguesa como exigência. Além disso, analisamos os resultados obtidos com a aplicação do instrumento QueHLAP, que permitiu

uma avaliação abrangente do contexto dos professores ouvintes que utilizam a Libras em seu trabalho.

Os dados revelaram uma correlação estatisticamente significativa entre a qualidade de uso da morfossintaxe e o emprego da escrita de sinais, sugerindo um potencial para aprimorar a comunicação na língua de sinais por meio dessa prática. No entanto, o número reduzido de professores que a utilizam com frequência ressalta a necessidade de um maior incentivo e apoio a essa escrita, que ainda está marginalizada no espaço educacional.

Em última análise, este estudo oferece uma contribuição relevante para a compreensão do uso da escrita de sinais no contexto educacional e aponta para possíveis direções futuras de pesquisa e políticas educacionais. À medida que a inclusão e a acessibilidade se tornam prioridades em nossa sociedade, é fundamental explorar estratégias que promovam a proficiência e a comunicação em Libras, garantindo aos alunos surdos equidade de oportunidades na educação.

REFERÊNCIAS

BAKER, Colin. **Foundations of bilingual education and bilingualism**. 4. ed. Clevedon; Buffalo; Toronto; Sydney: Multilingual Matters, 2006.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS - Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BARROS, M. E. Princípios básicos da ELiS. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 204-210, jul./dez. 2016. Disponível em: www.revistas.ufg.br/rev_sinal/article/view/38881/22322. Acesso em: 15 out. 2023.

BENASSI, Cláudio Alves. ELiS - Escrita das línguas de sinais na produção da primeira monografia de especialização bilíngue do Brasil. **Revista Diálogos**: linguagens em movimento, ano III, n. 1, jan.-jun., 2015.

BIALYSTOK, Ellen. **Bilingualism in development**: Language, literacy, and cognition. New York: Cambridge University Press, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 set. 2023.

COOK, Vivian. Language teaching methodology and the L2 user perspective. *In*: COOK, Vivian. (Org.). **Portraits of the L2 User**. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.

COSTA, Edivaldo da Silva. Tendências atuais da pesquisa em escrita de sinais no Brasil. **Revista Diálogos** (RevDia), v. 5, n. 3, 2017.

FLORES, Vinícius; FINGER, Ingrid. Proposta de Questionário de Histórico de Linguagem e Autoavaliação de Proficiência para Professores Ouvintes Bilíngues Libras/Língua Portuguesa. **Revista SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 17/2, p. 278-301, dez. 2014.

HAMERS, Josiane; BLANC, Michel. **Bilinguality and bilingualism**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HILL, Manuela Magalhães.; HILL, Andrew. **Investigação por questionário**. 2. Ed. Lisboa: Edições Sílabos, 2012.

LANE, Harley. **A máscara da benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella. **ESCRITA SEL - Sistema de Escrita para Línguas de Sinais**. 2017. Disponível em: <http://sel-libras.blogspot.com/>. Acesso em: 15 out. 2023.

MACHADO, Vanessa dos Santos. **Avaliação de proficiência linguística de pilotos**: o discurso do candidato e sua influência no comportamento e julgamento do examinador. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NOBRE, Rundesth Sáboia. **Processo de grafia da Língua de Sinais**: Uma análise fono-morfológica da escrita em *SignWriting*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Pós-graduação em Linguística Aplicada, Florianópolis, 2011.

PAGY, Fabiane Elias. **Morfossintaxe em Libras**: categorias de nomes e verbos, predicados e sua relação com a omnicativalidade. 2022. 282 f. il. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos - a Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1997.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. [1933]. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Fábio Irineu da. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais**: Signwriting. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STUMPF, Marianne Transcrições de língua de sinais brasileira em *signwriting*. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R.; TESKE, O. (Org.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SUTTON, Valerie. **Lessons in SignWriting**. San Diego: SignWriting Press, 1995.